



CIDADES MORTAS:

o rural como sinônimo de atraso e decadência

Luciana Meire da Silva*

Resumo Em *Cidades mortas*, livro publicado pela primeira vez em 1919, é reunida uma série de contos escritos entre 1900 e 1910. Monteiro Lobato (1882-1948) critica as especificidades do rural brasileiro. Ele o vê como decadente e sem perspectivas de ser reabilitado, porque, segundo entende, caíra em profunda exaustão. Nos contos ambientados na região valparaibana, as imagens elaboradas para falar da decadência são trágicas e mórbidas. A ideia de rural aparece em oposição ao urbano. A construção do urbano, feita por Lobato, é vinculada ao progresso, entendido como modernização ligada ao dinamismo das cidades. O modelo é São Paulo e também a rica Ribeirão Preto, na região do Oeste Paulista. Monteiro Lobato critica a velha elite cafeicultora valparaibana decadentista por seus desperdícios, pelo absenteísmo, pela falta de racionalidade no trato com as lavouras e por suas reclamações de protecionismo governamental. Para o autor, a mentalidade desses perdedores ficou presa ao passado colonial; um obstáculo para o progresso da nação.

Palavras-chave Pensamento social brasileiro; Monteiro Lobato; *Cidades mortas*; Brasil rural.

DEAD CITIES: THE RURAL AS A SYNONYM FOR BACKWARDNESS AND DECADENCE

Abstract In *Dead cities*, a book first published in 1919, is collected a series of short stories written between 1900 and 1910. Monteiro Lobato (1882-1948) criticizes the specificities of Brazilian rural. He sees it as decadent and no prospects of being rehabilitated, because as he understands it fell into deep depletion. In the tales acclimatized in the valparaibana region, the images prepared to talk about the decadence are tragic and morbid. The rural

Recebido para publicação em 26/06/2012

Aceito para publicação em 18/12/2012

* Bacharel em Ciências Sociais pela UNESP de Marília, mestre em Sociologia pela UNESP de Araraquara e doutoranda em Ciências Sociais pela UNESP de Marília. Estuda o Brasil rural nas obras de Monteiro Lobato das décadas de 1910 a 1930, com bolsa de estudos da FAPESP. É orientanda da professora doutora Célia Aparecida Ferreira Tolentino.

idea appears in opposition to urban idea. The urban construction, done by Lobato, is linked to progress; it is understood as modernization linked to the dynamism of cities. The model is São Paulo and also the rich Ribeirão Preto, in the West region of São Paulo. Monteiro Lobato criticizes the old and decadent valparaibana coffee elite for their waste, absenteeism, lack of rationality in dealing with crops and for their claims of government protectionism. For the author, those losers' mentality will be attached to the colonial past, an obstacle to the nation progress.

Keywords *Brazilian social thought; Monteiro Lobato; Dead cities; rural Brazil.*

INTRODUÇÃO

Entre os aspectos mais significativos da Primeira República, constituídos das mais reveladoras preocupações da literatura de Monteiro Lobato nas décadas de 1900 e 1910, figuram a decadência da agricultura cafeeira na região do Vale do Paraíba e sua migração para o Oeste Paulista. No final do século XIX, a lavoura cafeeira valparaibana perdeu sua hegemonia de região predominantemente cafeeira para a produção da região do oeste do estado de São Paulo. A transição, vista e vivida por ele como filho de uma família oligárquica cafeeira¹ na região do Vale do Paraíba, é tema recorrente em *Cidades mortas*, uma coletânea de textos escritos entre 1900 e 1910, mas publicada somente em 1919.

Nesse livro, Monteiro Lobato recria de forma literária e saudosa fatos e glórias passados quando da produção rural cafeeira. Diferentemente, entretanto, da nostalgia romântica, sua expectativa, a princípio, não parece ser a volta ao passado, e sim à sua superação. Lobato chama a atenção do leitor para o estado de declínio e decadência da região agrária valparaibana.

Como “arguto crítico social, homem preocupado com os destinos de seu país²”, ele traz para o leitor o rural valparaibano, em sua visão, atrasado e decadente e elabora sua interpretação da transição histórica da agricultura cafeeira da região. Segundo Lobato, a pujança de ontem do Vale do Paraíba teria migrado para o Oeste Paulista por meio do chamado “progresso nômade”.

1 Conforme Sérgio Miceli (2001, p. 98), no livro *Intelectuais à brasileira*, José Bento Monteiro Lobato foi “filho e neto de grandes proprietários de terras na região paulista do Vale do Paraíba, teve a educação esmerada que em geral recebiam os jovens dessa fração da classe dominante. A morte de seu pai ocorre no momento em que cursava os preparatórios então exigidos para matrícula no curso superior. Como para seu avô, o visconde de Tremembé, não houvesse outro caminho possível a não ser torná-lo um bacharel, nem mesmo lhe permitiria tentar o ingresso na Escola de Belas-Artes ou na Escola de Engenharia, as duas outras alternativas entre as quais podia se dar ao luxo de hesitar um herdeiro de quase 2 mil alqueires [...]”.

2 Expressão dos autores Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997, p. 58).

O RURAL E SEU ESTILO DE VIDA PACATO E ATRASADO

Monteiro Lobato terminou o curso de bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas no Largo São Francisco, na capital paulista, em dezembro de 1904. No mesmo ano, retornou para Taubaté, sua terra natal, e escreveu uma carta ao amigo Godofredo Rangel sobre suas primeiras impressões das “cidades mortas”, do viver rural e de seus costumes, agora percebidos pelos olhos do ex-estudante de Direito de volta, então, ao Vale do Paraíba, depois de viver em São Paulo:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da libérrima vida estudantina de São Paulo e vir cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos – o nosso individualismo, etc. é crime de lesaldea, de que o vigário, os parentes e as mais “pessoas gradadas” nos querem curar. Ideal é fazer de nós mais uma “pessoa grada”, mais um “cidadão prestante”. É arredondarmos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas! Um homem aqui só fica “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento (LOBATO, 1964, p. 84-85).

Pode-se observar sua construção de ideia de rural em oposição ao urbano. O rural é visto por ele como exílio, letargia desanimadora das pessoas mais fortes. Nesse caso, não é rural só de agrário, embora também o fosse; é rural no sentido de um modo de viver pautado pela ética da convivência e das relações sociais da comunidade, “com trabalhos forçados”, onde, particularmente, o individualismo e a não religiosidade são “pecados de lesa aldeia”.

Em carta ao amigo Godofredo Rangel, Lobato confessa não querer participar das missas e dos eventos comemorativos locais, e os parentes o pressionavam, o vigário perguntava por ele, os amigos da família exigiam sua presença, e ele se sentia incomodado e constrangido no papel de “cidadão prestante”. Em contraste com esse modo de vida, com apreço pela comunidade, com suas convenções e sociabilidade, estaria sua vivência acadêmica acontecida nas salas de aula e no pátio da faculdade de Direito do Largo São Francisco, nas “repúblicas”, nos cafés – um estilo de vida pautado pela convivência com os amigos estudantes, pela liberdade de ir e vir. Conforme Cavalheiro (1955), após o término das aulas, os estudantes se encontravam nos cafés, onde continuavam os debates iniciados dentro das salas de aula. Muitas vezes, eram críticas sobre a caducidade e também arcaísmos de autores

utilizados por seus mestres. Esses eram alguns dos aspectos da vida na capital paulista, onde a “boemia literária” ocupava lugar de destaque entre os estudantes.

E, comparadas à cidade de São Paulo e seus duzentos e quarenta mil habitantes, com seu projeto modernizador inspirado na *Belle Époque*³ europeia e capitaneado pelo prefeito Antônio da Silva Prado, “ex-conselheiro do Império, fazendeiro, industrial e influente paulista, que permaneceu no cargo até 1911 – ano em que é inaugurado o Teatro Municipal” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 34-35), as cidadezinhas do Vale do Paraíba parecem viver em outro tempo.

Em contraposição à sua ideia de rural como sinônimo de atraso, a construção do urbano feita por Lobato é vinculada à determinada ideia de progresso, entendido como modernização, ligada ao dinamismo das cidades urbanizadas. No conto *Cidades mortas*, escreve:

Até o ar é próprio; não vibram nele fonfons de auto nem cornetas de bicicletas nem campainhas de carroça nem pregões de italianos nem *ten-tens* de sorveteiros, nem *plás-plás* de mascates sírios. Só os velhos sons coloniais – o sino, o chilreio das andorinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu (LOBATO, 1995, p. 23, grifos do autor).

Sua representação do urbano se caracteriza pela agitação e pelo movimento das vias públicas e seus rumores, elementos vinculados aos signos do mundo moderno. Eles traduzem o dinamismo do trabalho a todo vapor da zona urbana, entendida como a cidade de São Paulo e também as cidades da nascente região cafeeicultora do Oeste Paulista: o barulho dos autos traduz a liberdade dos indivíduos se locomoverem com certa velocidade pelas ruas, e as “cornetas de bicicletas”, “campainhas de carroça”, “pregões de italianos”, “*ten-tens* de sorveteiros” e “*plás-*

3 Segundo Nicolau Sevcenko (1999, p. 27): “A situação era realmente excepcional. A cidade do Rio de Janeiro abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se no seu interior vastos recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais. Núcleo da maior rede ferroviária nacional, que o colocava diretamente em contato com o Vale do Paraíba, São Paulo e os Estados do Sul, Espírito Santo, e o *hinterland* de Minas Gerais e Mato Grosso, o Rio de Janeiro completava sua cadeia de comunicações nacionais com o comércio de cabotagem para o Nordeste e o Norte até Manaus. Essas condições prodigiosas fizeram da cidade o maior centro comercial do país. Sede do Banco do Brasil, da maior Bolsa de Valores e da maior parte das grandes casas bancárias nacionais e estrangeiras, o Rio polarizava também as finanças nacionais. Acrescente-se ainda a esse quadro o fato de essa cidade constituir o maior centro populacional do país, oferecendo às indústrias que ali se instalaram em maior número nesse momento o mais amplo mercado nacional de consumo e de mão-de-obra”.

-plás de mascates sírios” sugerem a valorização da dinâmica social promovida pelo trabalho dos imigrantes, principalmente com as atividades comerciais. Tal mão de obra, livre e assalariada, é incorporada pelo comércio e pela nascente indústria nacional. Também o Oeste Paulista congrega mão de obra estrangeira e prospera a olhos vistos. Em contraposição, há uma vida colonial rural silenciosa, lenta e atrasada no Vale do Paraíba, sem a agitação urbana e sem a velocidade características da dinâmica social do trabalho possibilitada pela indústria e pelo comércio. Seu silêncio só era quebrado quando o sino da igreja tocava, as andorinhas chilreavam e os carros de boi passavam. “O cincerro de tropas raras” indica a ausência das tropas, outrora carregadas de mantimentos e então sem mais passarem por ali. Sem a circulação de dinheiro, não haveria grande circulação de mercadorias. O canto das baitacas ao cruzar o céu é a consagração do viver rural pacato. Nesse sentido, o rural é representado como estilo de vida quieto e colonial, com base nas tradições e religiosidades, e caracterizado pela sintonia com a natureza. Monteiro Lobato reclama uma dinâmica social urbana e laboral, relacionada à sua ideia de progresso, inexistente nas cidades mortas do Vale do Paraíba, identificadas como decadentes e irracionais.

Lobato observa o desenvolvimento desigual do capitalismo brasileiro. A região rural do Vale do Paraíba se enfraquecera na batalha do desenvolvimento capitalista e ficara para trás, em contraposição a outras cidades que se dinamizaram: “Desviou-se dela a civilização. O telégrafo não a põe à fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de uni-la à rede por intermédio de humilde ramalzinho” (LOBATO, 1995, p. 25).

A civilização, desviada da região, é retratada, por exemplo, pela ausência do telégrafo, facilitador da comunicação com o mundo, das estradas de ferro, pois, no processo civilizatório da era cafeeira, elas contribuem para o escoamento do café para o mercado de consumo interno e externo. A velocidade sobre os trilhos diminui o isolamento entre as zonas rural e urbana e abre novos caminhos para a acumulação capitalista brasileira e para investimentos em outros setores da economia nacional. A dinâmica de trabalho produtivo, representada pela região próspera do Oeste Paulista e pela cidade de São Paulo, é a referência de progresso material para Lobato nesse momento. Essa é a civilização inexistente nas cidades mortas da região do Vale. Ao contrário, o rural decadente se sobressai como a imagem de uma “vovó entrevada, sem netos”, estéril, decaída à margem do caminho. Sem esperanças de reversão da situação, ela chora as saudades de um passado glorioso. Um rural com vida parasitária, em um lugar distante, situado na depressão profunda entre as montanhas de relevo fortemente desnivelado e

de difícil acesso e, por esse motivo, um lugar esquecido e não frequentado pelas pessoas. Seu saldo seria: abandono, isolamento, atraso e esquecimento. As cidades mortas do Vale do Paraíba viveriam nas trevas do silêncio, da incivilidade, da vida acanhada, da aldeia com suas convenções sociais, da falta de individualismo e de individuação. No pensamento de Lobato, verifica-se um profundo sentimento de decadência: o rural do Vale do Paraíba não poderia mais ser salvo, pois caíra em estágio de deterioração e exaustão irremediáveis.

AS ELITES RURAIS DERROCADAS

Monteiro Lobato viveu a transição histórica da economia agrária do Vale do Paraíba para o Oeste Paulista na condição de filho de uma família oligárquica cafeeira, muito próspera nessa região no que se refere aos negócios cafeeiros. Segundo Campos (1986, p. 4):

No final do século XIX, a família de Monteiro Lobato, enriquecida em consequência da primeira expansão do café, já não podia ser considerada rica. Assim, as relações sociais herdadas por Monteiro Lobato certamente foram bem mais importantes do que a fazenda Buquira, que recebeu em 1911, com a morte do avô.

Lobato vê a decadência da economia rural valparaibana como sinônimo do viver mórbido da elite cafeeira, no passado, considerada imbatível, eterna e sólida, como atestavam seus “soberbos casarões apalaçados”, em uma vida de ostentação e luxo, de poderio senhorial sobre criados, funcionários, sacerdotes e escravos. Tal poderio foi validado por muito *status*, entretanto, na verve do escritor, tanto o poder patriarcal quanto o “lugar social” dessa elite teriam ruído:

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de há muito, em matéria de rodas, se voltou aos rodízios desse rechinante símbolo do viver colonial – o carro de boi. /Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e três andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiúna; casarões que lembram ossaturas de megatérios donde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram (LOBATO, 1995, p. 22).

Para o escritor, a “morte” do *status* social estaria materializada na paisagem desolada e mortiça da região do Vale do Paraíba, como se percebe em seus escritos. A julgar por suas imagens tétricas desenhadas para descrever essa era de deca-

dência, pode-se concordar com Ana Luiza dos Reis Bedê (2007), quando ela afirma haver em Lobato influências intelectuais dos literatos decadentistas do fim do século⁴. Pode-se dizer ainda que o pensamento de Lobato oscila dialeticamente entre tradição e modernidade, pois, como forma de superação da decadência cafeeira do Vale do Paraíba, o autor aponta para a exploração capitalista próspera nas terras da região do Oeste Paulista.

Em carta endereçada a Godofredo Rangel, no dia 18 de janeiro de 1907, Monteiro Lobato se mostra fascinado com as novas possibilidades do nascente Oeste Paulista. Este passa a representar o lugar de novos “costumes, hábitos e ideias”, diferente do clima mórbido do Vale:

[...] O mês de dezembro passei-o todo fora daqui, em São Paulo e no Oeste, corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite para o dia o café criou – São Carlos, um lugarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto, com 60 mil; Araraquara, Piracicaba a formosa e outras. Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda a região da Terra Roxa – um puro óxido de ferro – recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente. /Em Ribeirão a colheita do município foi o ano passado de quatro e meio milhões de arrobas – coisa fabulosa e nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900.000 arrobas. Costumes, hábitos, idéias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho São Paulo e da tua Minas [...] (LOBATO, 1964, p. 153).

Monteiro Lobato contrapõe as características da cultura paulistana, representantes do progresso por meio do urbanismo cosmopolita e da dinâmica social do trabalho, com o progresso da nova região próspera do Oeste Paulista. Dessa nova região, elogia a colheita realizada por fazendeiro empreendedor. Ao mesmo tempo, ele vê o fazendeiro do Vale como responsável pela derrocada⁵ e elogia e

4 A autora Ana Luiza Reis Bedê (2007, p. 137) analisa a influência que Guy de Maupassant exerceu no pensamento de Monteiro Lobato e pergunta: “Por que Lobato queria contos que tivessem dramas ou que deixassem entrever dramas? Talvez uma das razões seja o seu anti-romantismo. [...] o criador de Jeca Tatu revelou-se um dos mais acirrados críticos da visão idealizada dos índios nos romances de José de Alencar e dos caboclos nos contos de Bernardo Guimarães. Deste último afirmou, em *Oblivion de Cidades mortas*, que lê-lo ‘era [...] ir para a roça adjetivada por menina de Sião’”.

5 Em perspectiva comparativa ao pensamento de Monteiro Lobato sobre a decadência da elite cafeeira, cita-se o estudo de Oliveira Viana, *Populações meridionais no Brasil*, publicado originalmente em 1918. Em seu livro, ao falar das populações rurais, mais precisamente do fazendeiro patriarcal, proprietário de terras, escravos e agregados, Oliveira Viana o descreve como “poderosa aristocracia rural” constituída pelo elemento ariano da nacionalidade, uma raça superior porque preservava a característica do povo português, brava gente cheia de qualidades,

entende como progresso a nova forma de exploração capitalista dos cafeicultores do Oeste Paulista.

Um exemplo de pensamento contraposto às críticas à elite cafeeira de Monteiro Lobato é o de Paulo Prado, escritor de *Paulística* ([1925] 1927). Ele reclama a estirpe empreendedora, afirma a superioridade do cafeicultor paulista, considerado uma raça de nobres, brancos portugueses, incansáveis na exaltação de sua própria ascendência, à frente da economia agroexportadora e na condição de elite aristocrática; diferente, portanto, do restante da população do país: pobre, “miscigenada por raças múltiplas” e de “resultado duvidoso”. Contudo, aquela “raça de fortes” perdia sua característica de elite agrária dominante com a chegada dos imigrantes, internos e externos, para o trabalho na indústria, no comércio e no campo, energia laboral e empreendedora ofuscante do viver social e tradicional português:

A aristocracia rural era o último reduto do tipo ancestral, degenera, se extingue e se transforma no industrialismo cosmopolita, e sem laço íntimo e profundo que a liga ao solo – na sua vida social e na sua vida política – estrangeira na própria terra, assiste inerte e desolada à formação de uma nova raça, que ainda não tem nome, e que será o futuro habitante de São Paulo. A onda imigratória – imigrante de outros países, imigrantes do próprio Brasil – inunda os campos e colinas do planalto, que não mais protege a serra rude e hostil (PRADO, 1927, p. 39).

Portanto, diferente do visto nos escritos de Paulo Prado (1925), Lobato (1906) não lamenta a perda de uma “estirpe heroica e nobre”, tampouco o patriarcalismo centralizador como condutor da nação e guia político da vida nacional. Lobato ironiza a tragédia daqueles que, apesar de alardearem sua superioridade e de se

características adaptadas ao meio rural brasileiro. Ele enaltece os conquistadores portugueses e fala da classe proprietária rural como uma raça de descendência portuguesa moralmente superior e preparada para o ensino de hábitos e costumes ao povo brasileiro, diferente dos caipiras e matutos, denominados por ele de “plebe rural”, “classes inferiores” formadas pelo casamento de uma mulher com vários homens. Dessa forma, os laços familiares seriam solúveis e instáveis, fato que fragiliza o poder paterno e contribuiria para a propensão de falhas morais na sociedade. A moral autoritária e austera, responsável pela coesão social, tem forte presença no pensamento de Oliveira Viana e é uma marca pertencente à aristocracia rural: “Herança da família lusa, profundamente transformada, pelo “habitat” rural, pelo isolamento dos latifúndios, pela dispersão demográfica dos campos, pela necessidade, nos primeiros séculos, da solidariedade na luta, a família fazendeira, tal como nos aparece no IV século, é realmente a mais bela escola de educação moral do nosso povo. Hoje, como a vemos, está fortemente abalada na sua solidíssima estrutura, mas, outrora, ela se organiza à maneira austera e autoritária da família romana” (VIANA, 1973, p. 54). Observamos Oliveira Viana (1919) falar dessa elite fazendeira “abalada na sua solidíssima estrutura”, mas com valores morais superiores. Por essa razão, o autor reclama o patriarcalismo severo da mentalidade autoritária como o eixo central e diretivo da nação e guia político e moral da vida nacional.

orgulharem de pertencer às famílias de “quatrocentões” da nobreza portuguesa, perdem tudo por falta de racionalidade e falta de adaptação às novas exigências da exploração capitalista agrária.

No conto “Café! Café!”, escrito em 1900 e publicado em *Cidades mortas*, Lobato volta a questionar a mentalidade tacanha, medíocre e obsessiva dos fazendeiros da região valparaibana, segundo ele, incapazes de pensar para além da cafeicultura e por isso levam o Vale à bancarrota. Na perspectiva de progresso, o reverso dessa moeda para Lobato seria a diversificação da agricultura com produtos tão rentáveis quanto o café.

Lobato sugere que o fazendeiro não passa de um velho formado em uma cultura colonial e arcaica – “a escola de Ganimedes” –, com pouca chance de incorporar novidades científicas. A “cabeça do major” seria provinciana e fundada nos conhecimentos empíricos e estreitos do trabalho repetitivo da vida do campo:

[...] meteram a foice na capoeira, fincaram os paus da cerca, apuraram os esteios da morada, cobriram-na de sapé; e lentamente, à medida que vinham entrando, compelidas pela vara de marmelo e a rija palmatória do feroz pedagogo, foram erigindo a casa mental do nosso herói (LOBATO, 1995, p. 160).

Assim, o fazendeiro, personagem criado por Lobato, seria incapaz de absorver os novos conhecimentos mais específicos e técnicos, pois refratário, sempre resiste ao novo. Ele é elemento do Brasil rural atrasado que Lobato deseja ver eliminado da vida nacional. Suas ideias, bem como seus costumes, tradições, experiências e crenças, já não têm mais lugar nesse novo tempo.

Acostumado a ter o país a seu serviço, o fazendeiro não tem intenção – nem razão – de mudar sua lógica de mandatário nas exigências feitas para a satisfação de seus interesses, pois acredita que jamais seria perdedor na história. Membro da elite perdedora valparaibana, Monteiro Lobato vivencia os prejuízos em primeira mão e por isso não acha motivos para crer nessa eternidade.

Lobato demonstra sua perspectiva positivista/evolucionista no sentido como ele a entende: sociedades e povos sem conquista de progresso material estão fadados ao esquecimento e ao desaparecimento. Na marcha para a civilização, somente os mais fortes e aptos sobrevivem. Para ele, a elite decadentista valparaibana não consegue se adaptar às exigências capitalistas dos novos tempos e por isso está morta e enterrada; não consegue viabilizar os progressos da ciência e das novas tecnologias, nem a emancipação econômica advindas da livre iniciativa da produção e do comércio. Para Lobato, as elites derrocadas e incapazes de acom-

panharem a marcha do progresso são suplantadas, em sua visão, pelo fazendeiro modernizador da região do Oeste Paulista.

No conto “O luzeiro agrícola”, escrito em 1910 e publicado no livro *Cidades mortas*, Lobato propõe uma saída para a irracionalidade dos fazendeiros e expõe uma solução possível para o problema da monocultura cafeeira por meio de lições pedagógicas a serem aplicadas à sociedade como um todo. No conto, algumas lideranças são convidadas a participar de um curso sobre práticas agrícolas. Como se pode notar, um detalhe chama atenção no texto: dentre os muitos convidados representantes da sociedade, apenas um era “fazendeiro”. Trata-se de uma sugestão de dúvida de Lobato quanto à possibilidade de “restauração” dessa elite, pois, diante das possibilidades de novas práticas, dificilmente esse grupo tornar-se-ia adepto com real interesse. No conto, Lobato sugere a importância de um conhecimento utilitário e pragmático voltado para a lavoura produtiva, ele valoriza o ensino técnico como forma de aprendizado de práticas agrícolas exequíveis para a nação e defende a incorporação de técnicas aliadas à ciência e à organização hierárquica e disciplinada nos procedimentos com o trabalho na lavoura para a conquista do progresso, mas, ao colocar na boca do personagem Sizenando que a máquina agrícola seria o verdadeiro instrumento do progresso, sem nenhum fazendeiro para ouvir (o único presente perdera as terras), Lobato parece colocar a ideia da inexistência de pessoas para escutarem tal discurso. A velha reclamação do autor retorna: os fazendeiros fazem “ouvidos moucos”, quando novas ideias surgem.

No final do conto “O luzeiro agrícola”, os resultados alcançados com o investimento no curso prático foram um fiasco:

Meses mais tarde precedeu-se à colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra, devido às chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante, devido às vaquinhas; as outras “policulturas” negaram fogo devido à saúva, à quenquém, à geadá, a isto e mais aquilo. /Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatório de trezentas páginas onde Capistrano, entre outras maravilhas, notava: “Os resultados práticos do nosso método demonstrativo *in loco* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acodem em massa às lições, aplaudem-nos com delírio e, de volta às suas terras, lançam-se com furor à cultura poli, em tão boa hora lembrada pelo claro espírito de V. Excia. o Senhor Ministro pode felicitar-me de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional” (LOBATO, 1995, p. 132-33).

Em arroubos de determinismo climático, Lobato demonstra, em sua crítica, sua descrença nas condições climáticas de um país quente como o Brasil, nas reações dos fazendeiros desinteressados nas melhorias, na “gerência” do governo à frente das propostas de modernização da agricultura, pois este não dava jeito sequer às saúvas e às pragas da lavoura. Nesse momento, Lobato não vê uma saída política para a crise da lavoura. Os famosos relatórios emitidos pelo Ministério da Agricultura para efetivação e acompanhamento dos investimentos mentiam os resultados, uma característica clara de farsa, e tudo ficava por isso mesmo.

Monteiro Lobato defende uma modernização agrária para o país, tal como a melhoria das terras usando adubo, diversificação das culturas, avicultura, sericultura, ensino técnico agrícola para aprendizado de práticas exequíveis, máquina agrícola, técnica aliada à ciência, hierarquia e organização disciplinada dos trabalhos na lavoura. Todos esses elementos compõem a crítica fundada na razão positiva de Lobato.

Ao reclamar das características predadoras do desenvolvimento brasileiro, observa que, além do “progresso cigano”, outros fatores contribuíram para a decadência da cafeicultura no Vale do Paraíba: a falta de um tratamento adequado e racional para o solo; a saída dos “homens fortes aptos para o trabalho” em busca de um lugar para exercerem sua atividade profissional.

Segundo ele, a fertilidade natural do solo pode levar ao desenvolvimento, mas esse fato não acontece, pois: “[...] mal a uberidade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital – e com ele os homens fortes aptos para o trabalho” (LOBATO, 1995, p. 21).

Lobato trabalha a ideia da existência de um estado de coisas a superar na nação rural, mas ainda não há definida no horizonte qualquer novidade surpreendente.

Como se pode ver, há uma preocupação de certa forma modernizante, mas, ao mesmo tempo, um forte condicionamento social com ênfase na lógica da sociedade rural brasileira, nos primeiros anos da República, responsável pela decadência da cafeicultura no Vale do Paraíba. Por isso, ao terminar o texto *Cidades mortas*, Lobato elogia o café – o “Átila café”, destruidor da uberidade do solo – em sua forma assumida no Oeste Paulista:

Outras vezes o viajante lobriga ao longe, rente ao caminho, uma ave branca pou-sada no topo dum espeque. Aproxima-se devagar ao chouto rítmico do cavalo; a ave esquisita não dá sinais de vida: permanece imóvel. Chega-se inda mais, franze a testa, apura a vista. Não é ave, é um objeto de louça... /O progresso cigano,

quando um dia levantou acampamento dali, rumo Oeste, esqueceu de levar consigo aquele isolador de fios telegráficos... E lá ficará ele, atestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decênios necessários para que a ruína consuma o rijo poste de “candeia” ao qual o amarraram um dia – *no tempo feliz que Ribeirão Preto era ali [...]* (LOBATO, 1995, p. 24, grifos nossos).

A região rural do Vale do Paraíba é representada como o lugar do atraso, da falta de racionalidade nos trabalhos da lavoura, da ausência de curiosidade científica e da falta de interesse por técnicas modernas por parte dos fazendeiros do café e seus descendentes, estes considerados perdedores por esbanjarem as riquezas sem preocupação com investimentos na agricultura.

CONCLUSÃO

A ideia de Brasil rural, no pensamento de Monteiro Lobato, é formada a partir da contraposição entre rural e urbano. O rural se sobressai não apenas como agrário, embora também o seja, mas como um estilo de vida pautado no viver acanhado característico da aldeia, pacato, com falta de individualismo e individuação das “cidades mortas”, onde predominam os velhos sons coloniais, na região do Vale do Paraíba, em relação ao estilo de vida urbano e próspero da cidade de São Paulo, transparecido nos sons dos autos pelas ruas, na dinâmica da vida de trabalho, nas “cornetas de bicicletas”, nos “pregões de italianos”, nos “ten-tens de sorveteiros”. Nesse embate, Lobato critica o rural valparaibano, entendido por ele como letargia e modorra, e elogia o urbano como exemplo de moderno e próspero, o lugar das luzes e da civilização.

A característica de pensar de Monteiro Lobato é uma oscilação dialética entre tradição e modernidade, pois, como perspectiva de superação da decadência rural do Vale, Lobato aponta para a nascente região do Oeste do estado e a vislumbra, nesse momento, como a outra perspectiva possível para a civilização do café. Um novo lugar surgia e parecia ser a contrapartida por meio da fração viva da elite cafeicultora. Lobato elogia os fazendeiros empreendedores de tal obra de civilização e o surgimento de novos hábitos e lucros espantosos.

Em carta endereçada a Godofredo Rangel, no dia 18 de janeiro de 1907, cheio de sonhos, Monteiro Lobato se mostra fascinado com as novas possibilidades de consumo e de riquezas na nascente região cafeicultora do Oeste Paulista, o lugar, então, de novos “costumes, hábitos e ideias”. Lobato elogia as grandes possibilidades advindas com a exploração agrária cafeeira, como, por exemplo, as cidades crescidas

da noite para o dia: São Carlos, Ribeirão Preto, Araraquara e Piracicaba. Lobato passeia de trem pela região e vê com bons olhos as atitudes empreendedoras dos fazendeiros investidores das terras do Oeste. A ideia criada por Lobato do rural despontado na nova região não é de toda apenas motivada pelo entusiasmo, pois, como observa o autor Sérgio Silva (1981), os fazendeiros da região Oeste são homens com características empreendedoras não apenas no setor agrário, mas também em diversos outros, como estradas de ferro, bancos, casas de exportação e a expansão do comércio para atender as novas demandas da exploração cafeeira. Eles tornar-se-iam participantes de cargos representativos da nação nos âmbitos estadual e federal.

Contudo, a felicidade vislumbrada por Lobato com as novas possibilidades de riqueza e prosperidade no Oeste também seria cigana, assim como o progresso das terras do Vale, fato ainda não percebido por ele no momento de sua escrita.

Essa singularidade da cafeicultura do Vale do Paraíba, vista como decadente, e sua migração para o Oeste do estado de São Paulo, vista como progressista, foram pensadas, e mais, foram buscadas por Monteiro Lobato como uma condição de experiência e de existência histórica nos primeiros anos da década de 1900.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BEDÉ, Ana Luiza dos Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em a barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- CAMPOS, André Luiz. *A república do picapau amarelo*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.
- COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOBATO, M. *Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série*, Literatura Geral. v. 11. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. *Cidades mortas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRADO, Paulo da Silva. *Paulística*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Sergio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1981.
- VIANA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1973.

